

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Pós-Graduação Especialização em Patrimônio Cultural Conservação de Artefatos



Monografia

Casino Hotel: Um local de memória e turismo cultural no  
Balneário Cassino - RS

**Alessandra Buriol Farinha**

Pelotas, 2008

**ALESSANDRA BURIOL FARINHA**

Casino Hotel: Um local de memória e turismo cultural  
no Balneário Cassino - RS

Monografia apresentada à Coordenação do  
Curso de Especialização em Patrimônio  
Cultural – Conservação de artefatos da  
Universidade Federal de Pelotas, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Especialista em Patrimônio Cultural.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira**

**Pelotas, 2008**

**Banca examinadora:**

Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelin

Profa. Dnda. Carmen Lúcia Biasoli

*Dedico este trabalho a Rafael e Raquel.*

*[...] os usos do espaço não devem acontecer de maneira indiscriminada. Ao contrário, é fundamental que haja acompanhamento contínuo para que se possa manter a sua essência, suas estruturas, imaginário e simbologias possibilitando a geração de resultados econômicos, sociais culturais e políticos compatíveis com o contexto histórico vigente (NOIA, 2007 p. 66).*

## Resumo

Este trabalho busca apresentar, sob a perspectiva do turismo cultural, um local de lazer no passado e representativo do patrimônio cultural do sul do estado, o Casino Hotel, atual Hotel Atlântico. Esta edificação remanescente do século XIX foi inaugurada como estabelecimento hoteleiro no ano de 1890, mesmo ano de fundação do Balneário Cassino, na cidade do Rio Grande, RS. Naquela época surgiram várias estações balneares pelo mundo, seguindo modelos europeus. Estas ofereciam como atrativos principais os banhos de mar, considerados terapêuticos, e os jogos característicos de cassinos. Nestas condições o Casino Hotel testemunhou festas e eventos de pessoas pertencentes à elite econômica da região por vários anos, assim como se manteve ao longo do século XX, permanecendo presente na avenida principal do balneário até a atualidade. Os resultados deste estudo são propostas de turismo cultural neste espaço de sociabilidade e lazer para auxiliar no processo de sua preservação.

Palavras-chave: Hotel. Turismo cultural. Preservação. Patrimônio.

## Lista de Figuras

Figura 01	Antiga fachada Casino Hotel .....	18
Figura 02	Barracas à beira mar .....	20
Figura 03	Interior do Salão de refeições do hotel ao fundo o de jogos .....	20
Figura 04	Interior do Salão de festas do hotel .....	25
Figura 05	Exterior dos quartos do hotel em frente a Rua da República. Ao fundo a passarela de acesso aos salões .....	32

## Sumário

Introdução .....	9
Antigos Hotéis como locais de memória .....	11
1.1 Hotéis e história .....	11
1.2 Turismo cultural em espaços de memória .....	12
1.3 O Casino Hotel .....	15
Jogos, serenatas e antigos verões .....	22
2.1 Jogos .....	22
2.2 Festas .....	24
2.3 Banhos .....	26
Um projeto de Turismo Cultural: o Casino Hotel .....	29
Considerações finais .....	33
Referências .....	35
Anexos .....	37



## **Introdução**

Esta pesquisa, desenvolvida para ser objeto final de avaliação do Curso de Especialização em Patrimônio Cultural – Conservação de Artefatos teve como objetivo desenvolver reflexão sobre a importância histórica do Casino Hotel, atual Hotel Atlântico, no Balneário Cassino, município de Rio Grande, Rio Grande do Sul e desta forma incentivar o turismo cultural no local como forma de revitalização e preservação desse patrimônio.

A problemática que conduziu a este objeto de estudo resulta da carência de conhecimento sobre a importância histórica deste local e de sua preservação, um reflexo que está em sua excessiva exploração comercial e descaracterização. Neste estudo de caso é possível atribuir à degradação do patrimônio uma relação direta com a atividade comercial e turística, principalmente. Essas atividades são responsáveis por profundas alterações no balneário como um todo, tanto no patrimônio edificado quanto no ambiental, pois não estão obedecendo a nenhum critério de respeito ao patrimônio.

O trabalho proposto buscou formas de divulgação deste patrimônio voltadas para o turismo no local. Foi realizada pesquisa em acervos de documentos escritos e fotográficos da cidade de Rio Grande para tanto. A pesquisa documental foi realizada na Casa de Cultura e no Museu Histórico da cidade durante o período que compreende os meses de julho a setembro do ano de 2007.

Além disso, foram entrevistadas quatro pessoas selecionadas por terem íntima relação comercial e pessoal com o hotel: um ex-proprietário, dois ex-gerentes e um ex-recepcionista. As entrevistas ocorreram entre julho de 2007 e abril de 2008. O roteiro de entrevista encontra-se em anexo.

A fundação do balneário Cassino se deu em 1890 sendo o primeiro balneário marítimo planejado do país, de acordo com Torres (2007:13). O Cassino foi em seu apogeu um espaço de convivência social, principalmente de pessoas de estratos mais elevados da sociedade, não só da cidade do Rio Grande como também do restante do estado. Um destes espaços de convivência de grande valor histórico foi o Casino Hotel.

O Hotel surgiu com o balneário. Os motivos principais para a estada de famílias no hotel eram os banhos terapêuticos, os jogos e festas, dentre outros eventos que sucediam no estabelecimento.

Essa monografia divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *Antigos hotéis como espaços de memória* é dividido em três partes: Hotéis e história; turismo cultural em locais de memória e O Casino Hotel.

Este primeiro momento do trabalho descreve brevemente o histórico da hotelaria em nível mundial, surgimento dos primeiros locais de hospedagem, desenvolvimento, motivações de hospedagem, dentre outros. São apresentados também conceitos de turismo cultural em locais de memória, os benefícios da atividade bem planejada ao patrimônio cultural e cita exemplos bem sucedidos desta atividade em locais de memória.

Ainda neste capítulo, finalizando-o, encontram-se antecedentes históricos do Balneário Cassino e do Casino Hotel, fundamentação teórica necessária para compreensão da relevância histórica do hotel.

O segundo capítulo, chamado *Jogo, serenatas e antigos verões* nos remete a tempos passados através dos relatos dos entrevistados e de registros bibliográficos. Atividades do cotidiano do hotel, festas, jogos e outros são descritos de forma a nos conduzir àqueles tempos. Este capítulo subdivide-se nos títulos *Jogos, Festas e Banhos*.

No terceiro e último capítulo, *Um projeto de Turismo Cultural: o Casino Hotel* o trabalho propõe esta atividade comprovando a potencial utilização do turismo cultural com vistas à preservação do patrimônio histórico através da análise teórica relacionada aos dados empíricos. Esta parte também propõe formas possíveis de trabalhar o turismo cultural no Casino Hotel, atual Hotel Atlântico, demonstrando a característica fundamental da atividade como educador patrimonial.

Em considerações finais o trabalho é revisado e avaliado em seus objetivos de forma a conferir o cumprimento destes. Além disso este capítulo nos traz reflexões sobre educação e conhecimento, sobre o quanto estes podem mudar a vida do indivíduo e da sociedade.

## ANTIGOS HOTÉIS COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA

### 1.1 Hotéis e história

A origem da palavra hotel tem origem francesa – *hôtel*, e designa palácios e palacetes franceses<sup>1</sup>. A história da hotelaria está atrelada a antiga Grécia. A posição geográfica deste país com relação ao mar e sua língua, falada em toda a região mediterrânea, segundo Mill e Morrisson, citados por Yasoshima (2002), eram fatores que favoreciam a locomoção e permanência de viajantes no local.

Outros motivadores que levavam os estrangeiros a pernoitar na Grécia eram as viagens peregrinatórias e o turismo de cura. A hospitalidade praticada pelos gregos era baseada em preceitos divinos. Acolher um viajante era considerado um ato honroso, e desta forma o cidadão grego era obrigado a receber com benevolência os estrangeiros que chegavam de viagem.

Nesta época, meados de V a.C. segundo Yasoshima (2002), as pousadas estabeleciam-se em grandes povoados e em portos marítimos com a função de atender às necessidades dos viajantes.

Lickorish e Jenkins, citados por este autor, colocam que os donos destas pousadas eram pouco amistosos e ofereciam nas instalações apenas uma cama em aposentos sem janelas e sem instalações sanitárias.

Em Roma, após sua expansão, 241 a.C. a hospedagem era ofertada em alojamentos. Nos mais sofisticados existia uma cama e um candelabro. Na idade média eram as abadias e os mosteiros que hospedavam os peregrinos,

---

<sup>1</sup> Fonte: FERNANDES, Fernando **Dicionário Brasileiro Globo** São Paulo: Globo, 1991.

característicos deste período. A massa peregrinatória do século XV originou em Roma uma grande rede de hotéis de caridade.

De acordo com Rejowski (2002) em meados do século XIX a característica das hospedagens era a oferta de casas de família. Esta autora destaca que o fomento para a construção de hotéis neste referido século está associado ao *termalismo* e ao *cassinismo*. Respectivamente estes termos referem-se ao fluxo de pessoas aos balneários e o fluxo de pessoas atraídas pelo entretenimento e prazer ofertados pelos cassinos.

Exemplo deste fenômeno encontra-se em Mônaco, onde em 1872 já existiam cerca de 35 hotéis, de acordo com Acerenza, citado por Rejowski (2002).

Outros exemplos ocorrem em Mar del Plata, onde foi construído no ano de 1888 o primeiro hotel de alto luxo da Argentina e em Viña del Mar, onde em meados deste mesmo século foi edificado o Grande Hotel. Em ambos os empreendimentos a motivação principal dos hóspedes consistia em jogar nos cassinos e banhar-se em águas curativas.

No Brasil, o exemplo da cidade de Santos, estafo de São Paulo na terceira década do século XX, demonstra uma rede de hotéis de luxo construída para atender ao público apreciador dos jogos de cassino. Segundo Santos (2008) eram eles: Palace Hotel, Atlântico, Avenida Palace e Parque Balneário.

Os chamados hotéis de ferrovia, citados por Rejowski (2002) substituíram os antigos hotéis e pousadas. De acordo com esta autora estes eram “magníficos” e destinados apenas a acomodar os viajantes quando estes viajavam em trem. Situavam-se perto das estações ferroviárias e normalmente eram operados pelas próprias companhias administradoras da linha férrea.

A modernização e desenvolvimento dos hotéis veio através do suíço César Ritz (1850 – 1918). Este desenvolveu serviços de restaurante, proveu as acomodações com quarto de banho, dentre outros melhoramentos.

## **1.2 Turismo cultural em espaços de memória**

“O turismo é, pois, a cultura viva a perambular por territórios; a interação móvel entre lugares, indivíduos e grupos sociais; ícone da modernidade em movimento” (BEDIM, 2007 p. 63).

O turismo cultural é uma modalidade de turismo não massificada, onde o estrangeiro ou visitante se interessa culturalmente pelo local onde se encontra. Este indivíduo busca investigar a história do local por meio do patrimônio e assim aproveitar seu tempo destinado à atividade turística.

De acordo com o autor Avighi, citado por Figueiredo (2005), o turismo cultural busca a realização interior e dá ênfase ao meio ambiente e à compreensão da cultura e da história de outros lugares, querendo conhecer povos e se enriquecer culturalmente. Segundo o IPHAN, o Turismo Cultural é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentivando a sua conservação e buscando a formação de uma cultura ambientalista através da interpretação do ambiente para promover o bem estar das populações envolvidas.

Para Barretto (1995), o turismo cultural é aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural, portanto, ele tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem.

Segundo Krippendorf (1991), há uma forte tendência ao crescimento do turismo cultural na atualidade por causa da massificação de locais de turismo que se destacaram nos anos 90, onde este se baseia em frivolidade e consumismo. Este autor defende a idéia de uma atividade turística sustentável aliada ao patrimônio das comunidades para a sustentabilidade.

A degradação dos locais pela poluição e violência, por exemplo, são alguns dos fatores agregados à diminuição de interesse das pessoas por locais saturados pela demanda turística e que diminui a qualidade de vida dos nativos do local.

Estas características fazem com que o turismo cultural seja também um incentivo à preservação de locais de memória. Barretto (2006:29) coloca o turismo cultural através da expressão inglesa "*heritage based tourism*" ou "turismo com base no legado cultural". Esta tipologia de turismo tem como base o patrimônio histórico.

Um exemplo de turismo cultural citado por Barretto (2006) é Strokestown, no condado de Roscommon, 90 milhas de Dublin. A propriedade rural em questão foi aberta ao público em 1987 e nela conta-se a história social do local em quatro partes: a história econômica e arquitetural da propriedade; a casa durante os anos

da Grande Fome; a história da família e as relações de gênero; as relações sociais entre nobres e servos.

Estas relações são visíveis na arquitetura local, em uma série de passagens subterrâneas para que os servos se deslocassem pela propriedade para realizar suas tarefas permanecendo “invisíveis” aos seus senhores. É a única casa que resta na Irlanda com uma sacada na cozinha, cuja função era permitir que a patroa pudesse dar as ordens aos serventes sem se misturar no espaço deles.

Todo este trabalho foi possível através de estudo aprimorado dos arquivos da família. Outro diferencial neste espaço de turismo cultural é que a casa está atualmente ocupada, havendo, portanto uma continuidade entre passado e presente.

Outro exemplo de turismo cultural em local de memória é a visita que ocorre na Charqueada São João em Pelotas, RS. Esta casa, edificada em 1810 pertencia ao charqueador Gonçalves Chaves e era utilizada em época de matança de bois para a confecção de mantas de charque (carne bovina salgada e seca ao sol). Estas eram comercializadas pelo interior do país e exterior. As charqueadas foram a razão do grande desenvolvimento social da cidade durante o século XIX.

O passeio através do interior e exterior da casa ocorre desde 1998 e tem duração de cerca de uma hora. Durante a visita o turista pode conhecer a história escravista através da explicação do monitor e através de objetos expostos pelos cômodos.

Além destes a casa ainda abriga móveis e objetos pertencentes àquele período de opulência. O passeio também destaca histórias de religiosidade e credos de senhores e escravos.

A verba obtida através das visitas e de eventos realizados no local é revertida para a manutenção da casa. Neste estudo de caso esta casa também é habitada por seus proprietários, dando a continuidade entre passado e presente.

Barretto (2006) ainda cita a modalidade *site museums*. Esta ocorre em locais de memória, havendo encenações do cotidiano de determinado local, em determinado momento histórico. O visitante neste caso tem contato direto com o local, com objetos e funções. Esta forma de turismo cultural teve início na Inglaterra e obteve sucesso nos Estados Unidos, onde em Williamsburg, Virginia, há

encenações permanentes do cotidiano do país no século XVIII, mostrando a vida de todos os grupos sociais, incluindo negros e brancos menos privilegiados.

Este capítulo nos trouxe fundamentos e reflexões sobre o turismo cultural, colocando seus critérios como favoráveis a preservação do patrimônio. Desta forma pode-se constatar que o turismo cultural tem como base o patrimônio histórico e este pensamento vai ao encontro do objetivo principal deste empenhamento.

### **1.3 O Casino Hotel**

O Casino Hotel foi edificado no ano de 1890. O planejamento deste empreendimento ocorreu em paralelo a construção da via férrea que ligava a cidade de Rio Grande ao balneário – cerca de 18 quilômetros.

A cidade de Rio Grande, primeira do estado foi o primeiro referencial urbanístico luso-brasileiro nas terras meridionais do Brasil (TORRES, 2001, p. 65). Suas atividades econômicas, comércio e exportação se desenvolveram em meados de 1850, acarretando progresso social e cultural no município. Nesta época, na zona urbana, foram construídos vários casarões e sobrados. O progresso do município assemelhava-se ao da província naquele momento. Tal situação fez com que surgisse a malha ferroviária do Rio Grande do Sul, ligando várias cidades e colaborando com relações comerciais.

No final do século XIX, acompanhando as características de crescimento e desenvolvimento, foi concedida a concessão para o uso de uma área paralela à costa do mar para a construção de uma estação balnear, ou estação de banhos.

De acordo com Pereira (2004), em abril de 1884 foi instalada a Companhia Carris Urbanos do Rio Grande, sob a gerência de Antônio Cândido de Siqueira. Esta empresa tinha a concessão de condução sobre trilhos, de passageiros e outros itens como materiais de construção e gêneros alimentícios.

Estava sendo estudada naquele momento a possibilidade de instalação de uma estação de banhos na região. Segundo Barcellos (2000), a escolha do local para a construção deste empreendimento e da linha férrea deveria ser realizada de acordo com os interesses do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Uruguai. Nove praias foram relacionadas nos estudos preliminares a execução do projeto: a praia por detrás do farol da Atalaia no pontal da barra; a praia que se localiza atrás de

São José do Norte; a de Cidreira, a de Tramandaí, Chuí, a praia de Fora na ilha de Santa Catarina, as de Pocitos e Ramyrez, em Montevideu e a praia da Mangueira em Rio Grande.

Antônio Cândido de Siqueira recebeu a aprovação de seu prospecto para a construção da linha que levava ao local onde é hoje o Balneário Cassino em março de 1886. De acordo com Torres (2007), ele foi o idealizador principal da estação de banhos e por esta causa o Balneário Cassino foi denominado primeiramente de Vila Siqueira, em sua homenagem. Segundo este autor, esta nomenclatura foi utilizada após o término construção da linha férrea.

O projeto de Antônio Siqueira objetivava fomentar a construção e estabelecimento de uma estação de banhos de mar naquela região destacando as numerosas vantagens e interesses para a província. O projeto foi inspirado, de acordo com Barcellos (2000), nos balneários franceses de Dieppe, Deauville e Biarritz, precursores dos banhos de mar com finalidade medicinal.

Dentre as vantagens para a província, o projeto de Antônio Siqueira citava a economia de gastos em procura por outras praias de veraneio e os benefícios do banho de água salgada para a saúde. De acordo com o historiador francês Alain Corbin, citado por Barcellos (2000), o costume dos banhos de mar na Europa teve início no século XVII e se firmou nos séculos XVIII e XIX.

Foi em meados da segunda metade do século XVIII que o hábito dos banhos de mar foi associado a uma concepção medicinal. Esta ideologia colocava os banhos de água salgada no receituário para uma série de doenças. Deste momento em diante as praias tornam-se espaços sociais utilizados principalmente pelas elites. As estações balneárias e os banhos terapêuticos significavam modernidade e desenvolvimento, atividade predominantemente destinada às classes altas da sociedade.

A existência de um estabelecimento hoteleiro para fins de receber os visitantes e a instalação de uma linha telefônica no local eram outras vantagens citadas em documentos que divulgavam o balneário e o hotel, segundo Barcellos (2000). O projeto colocava que o hotel em questão deveria ser espaçoso suficiente para ser subdividido em 120 aposentos ligados de forma a poder ser ocupados por quartos anexos conforme o número de pessoas que o hóspede pretendia acomodar.



O prospecto de Antônio Cândido de Siqueira citava também sobre o hotel que o mesmo deveria ser construído e subdividido no mesmo estilo do Mercado de Porto Alegre, com uma peça de 5 metros por 5 com frente ao exterior e outra peça igual com frente para a área interior, com quatro portões. O material para a construção deveria ser alvenaria e ferro. De acordo com Barcellos (2000), tal estrutura era inexistente em qualquer praia do sul do país neste momento, como pode-se verificar na citação que segue:

Criadas as condições necessárias, o balneário do Cassino foi inaugurado oficialmente com a abertura definitiva do tráfego ferroviário em 20 de janeiro de 1890 e entregue ao público em 26 de janeiro deste mesmo ano. Tractionado por locomotivas a vapor o trem trouxe conforto, rapidez e segurança na viagem da cidade ao balneário. De início a CIA. contava com duas locomotivas: uma grande chamada de “Andorinha” e outra pequena denominada de “Formiga”, mais tarde foi comprada outra máquina que tinha a denominação de “Borboleta.” (BARCELLOS, 2000, p. 5)

Durante a construção da estrada de ferro, várias companhias sucederam-se em seu poder, dentre elas, a Viação Rio-Grandense (1891), a Southern Brazilian Rio Grande do Sul (1900). Esta última fora desapropriada em 1905 passando para a Auxiliare Compagnie des Chemins de Fer du Brazil.

Em 1909 a Viação Rio-Grandense, que já havia terminado a concessão da via férrea, vende a totalidade da Vila e todos seus pertences em leilão ao Coronel Augusto Leivas Otero, e este em 1923 à Companhia Balnear Atlântica. Em 1927, com a estrada, surge a primeira frota de ônibus.

Além da estação de trem, a edificação de um hotel de grandes dimensões para a época, foram os referenciais desencadeadores de um processo de ocupação populacional e urbano voltado à utilização medicinal dos banhos de mar pela população da metade sul do estado do Rio Grande do Sul (TORRES, 2007 p. 67).

Ao final do século XIX, Antônio Cândido de Siqueira e os investidores do projeto de construção da estação balnear sabiam que seria inviável a instalação de uma via férrea ligando a cidade ao litoral se não houvesse, em anexo o projeto, a idéia de um local que se adequasse ao pouso de visitantes que fosse construído no local. As condições de infra-estrutura para receber os banhistas exigiram a construção de um hotel para as refeições e hospedagem.

De acordo com Briz (1990, p. 4), na Europa para um local ser reconhecido como uma estação balnear deveria haver, essencialmente: local para as pessoas banhar-se (hidroterapia), um casino, um grandioso hotel, para acomodar grande número de pessoas em caso de eventos, dentre outros, para comodidade do banhista.

Em projeto, coloca-se que o Casino Hotel deveria acompanhar as características de desenvolvimento e opulência do período, assim como o requinte exigido para um local que serviria para descanso e alimentação de banhistas. Como já citado, os banhistas eram, em princípio, pessoas da classe alta da sociedade. A figura abaixo ilustra o antigo hotel, sendo que não foi encontrada datação referente à mesma.



Figura n°. 01 – Antiga fachada Casino Hotel  
Fonte: Casa de Cultura de Rio Grande - 2007

O Casino Hotel, inaugurado na mesma data do balneário, de acordo com artigo publicado no jornal Diário do Rio Grande em 28 de janeiro de 1890, estava inacabado na ocasião de sua inauguração, contando com apenas quatorze quartos concluídos, com assoalhos e sem janelas. A construção do Casino Hotel só foi concluída definitivamente em 1898, oito anos após sua inauguração.

Neste mesmo ano de 1890, a Companhia Estrada de Ferro Rio Grande - Costa do Mar, sucessora da Companhia Bonds Suburbanos da Mangueira, publicava um informativo sobre o balneário oferecendo as seguintes comodidades à

beira mar: “100 camarotes para homens de 1ª classe, 100 camarotes para mulheres de 1ª classe, 20 camarotes para homens de 2ª classe, 20 camarotes para mulheres de 2ª classe, 50 barracas sobre rodas, um restaurante à lá carte, leitaria, rouparia e cocheira” (BARCELLOS, 2000 p. 11).

O informativo citado por este autor, chamava-se ‘O Guia dos Banhistas’, e salientava que as instalações do hotel seriam suficientes para atender à cerca de 500 banhistas ao mesmo tempo e que eram as melhores do Brasil e do Rio da Prata.

São encontrados também no Guia dos Banhistas dados como a composição da sala de festas, onde havia dois pianos, sendo um para a dança e o outro especial para os concertos instrumentais e vocais. No salão de jogos eram oferecidos jogos como bilhar, damas, dominó, xadrez, mesas para cartas, sala para leituras e sala para fumantes, passatempo próprio para o gênero masculino. Todas as instalações para hóspedes seriam circundadas por varandas cobertas. Estas mediriam dois metros de largura, todas lajeadas (PEREIRA, p. 26).

Segundo Barcellos (2000) a Companhia administradora também garantia o policiamento diurno, noturno e a iluminação exterior nos arredores do hotel. O transporte da frente do hotel até a praia era realizado por um bonde de tração animal ao preço de 50 réis para os adultos e 25 réis para as crianças. O serviço funcionava das 4 horas da tarde às 10 horas noite.

Em outro documento desta época, uma correspondência da Companhia Viação Rio -Grandense, então administradora do balneário, endereçado ao Coronel Augusto Leivas e datado de 04 de outubro de 1898 (anexo I), eram ofertados 136 quartos, grandes salões de concertos, baile, bilhar, e tiro ao alvo, ciclismo, atletismo e corridas de cavalo, 200 camarotes ao longo da praia e 36 barracas para banhistas. As barracas são destacadas de forma ilustrativa na fotografia a seguir.



Figura nº. 02 – Barracas à beira mar.  
Fonte: [www.riograndeemfotos.fot.br](http://www.riograndeemfotos.fot.br)

Com relação a estas barracas, coloca-se o oferecimento de pessoal especializado para atendimento de banhistas na localidade das mesmas, à beira mar. Além destas vantagens, o hotel oferecia “*Salle a Manger*”<sup>2</sup> com pessoal habilitado para a *Cuisine*<sup>3</sup> de primeira ordem nas dependências do hotel. A fotografia seguinte mostra o salão de refeições do hotel.



Figura nº. 03 – Interior do Salão de refeições do hotel ao fundo o de jogos.  
Fonte: Museu Histórico da cidade do Rio Grande. Postal – 1908.

<sup>2</sup> Sala de jantar em francês. Fonte: RAMOS, F. J. Silva **Dicionário de Francês** – Português. São Paulo. LEP, 1961.

<sup>3</sup> Cozinha em francês. Fonte: RAMOS, F. J. Silva **Dicionário de Francês** – Português. São Paulo. LEP, 1961.

Barcellos (2000) observa que a maioria destes serviços eram oferecidos aos veranistas pela Companhia Estrada de Ferro Rio Grande - Costa do Mar, administradora do balneário no momento da sua fundação através do Guia dos Banhistas, em 1890.

Para fins de comunicação, o Casino Hotel contava com telefone e telégrafo, além de serviço postal. Com relação à higiene, Torres (2007) salienta que o local naquela época possuía serviços de limpeza e esgoto comparáveis a cidades desenvolvidas. Um algibe localizado no jardim do hotel e de uso exclusivo do mesmo garantiria o suprimento de água para o estabelecimento e casas mais próximas.

## JOGOS, SERENATAS E ANTIGOS VERÕES

### 2.1 Jogos

O hotel concentrava em suas dependências a elite riograndina e de cidades do interior. Aos sábados à tarde um ônibus saía da cidade de Pelotas e trazia ao hotel passageiros atraídos pelos jogos. Este retornava no domingo à noite.

Depoimentos da pesquisa de Pereira (2004) nos colocam que as pessoas jogavam roleta em salão requintado, os cavalheiros obrigatoriamente vestidos de smoking e as damas de vestido longo. Aos residentes no local, uma carruagem era utilizada para traslado dos jogadores de suas residências até o hotel, e seu condutor vestia-se com traje de veludo, cartola e luvas, mesmo no verão. Outro depoimento confirma o pouso de um avião certa vez, trazendo jogadores ao casino. O público era considerado seleta e as somas em dinheiro, segundo relatos, eram incalculáveis.

Um dos entrevistados deste trabalho, o Sr. Edson Costa, tem 62 anos, é morador da praia do Cassino, ex-funcionário do Grupo Guanabara (atuais proprietários do hotel). Foi gerente do hotel entre os anos 1980 e 1990, mais de uma década, acompanhando mudanças estruturais significativas neste prédio histórico. Inclusive destaca-se que ele foi o entrevistado que mais tempo administrou o local. Em entrevista<sup>4</sup> sobre o Casino Hotel quando questionado sobre os jogos, o Sr. Edson coloca:

No ano que entrei era um galpão, um armazém, mas eu sei que antes, que a minha mãe me contava, era lugar só de madame e gente de dinheiro, eles jogavam tudo que tinham, rolava muito dinheiro que a gente nem sabe que existe. Por causa do hotel que começou o balneário, as pessoas vinham para jogar e só isso. Quando tinha o trem ninguém dizia “vamos para a Vila Siqueira”, diziam “vamos para o casino jogar” e jogaram muito. Te digo que jogaram até a reforma da ampliação do hotel ... eu sei que o jogo parou, claro, por causa de guerra e outras coisas ... mas vai saber mesmo até quando a roleta funcionou.

---

<sup>4</sup> Sr. Edson Costa, ex-gerente do hotel em entrevista no dia 18 de agosto de 2007.

Não há documentação que comprove a prática o jogo de roleta no balneário ainda no século XIX. Entretanto, de acordo com a pesquisa de Barcellos (2000), depoimentos levam a crer na existência da roleta no Cassino na primeira década do século XX. Entrevistas deste autor salientam que esta foi a primeira roleta do estado. O relato do Sr. Edson Costa<sup>5</sup> nos afirma sobre o funcionamento da roleta até o final do século XX:

Eu sei que até 80 mais ou menos o jogo rolava solto no hotel, mesmo proibido. Tinha roleta e tudo, pergunta pra quem quiser. Mas não era tão fino com era antigamente. Quando parou a roleta no hotel eu nem sei, mas ela não parou, só passou para uma casa noturna, um clube, não sei, mas seguiu funcionando mesmo que não fosse no hotel, no Cassino mesmo ... funcionou por que tinha gente pra gastar dinheiro, se não parava ... por isso que o hotel tinha muito movimento, sempre tinha gente pra jogar e gastar dinheiro em jogo, a gente sabe que é doença isso né ... Quando era perto de 1990 tinha possibilidade de voltar a ser permitido os jogos no Brasil, daí eu me antecipei e fui atrás de coisas que provassem que o hotel foi o primeiro hotel de balneário e de jogos do Brasil, ia ser um sucesso o ano inteiro imagina (pergunta), mas não regularizaram.

Pode-se perceber que a partir da necessidade de um local de pouso para banhistas na estação balnear surgira um local de jogos, especificamente a roleta. O local de jogos, ou casino foi o que determinou a nomenclatura do balneário. Os jogos estiveram presentes neste local durante o século XX.

Sobre a roleta e a proibição dos jogos o Sr. João Carlos dos Santos Gonçalves<sup>6</sup>, ex - recepcionista do hotel coloca: “*o jogo de roleta foi proibido se não me engano em 1964, mas continuou no hotel escondido ... eu até conheço o cara que organizava os jogos, só essa parte no hotel*”.

O Sr. João Carlos foi recepcionista do hotel de 1985 a 1999, atuando no relacionamento direto com os hóspedes. Tem 44 anos. É o funcionário que mais tempo trabalhou neste estabelecimento e por isso escutou histórias de antigos hóspedes por vários anos. Atualmente permanece trabalhando no ramo hoteleiro. Sobre a possibilidade de regularização de casas de jogos no Brasil o Sr. João Carlos nos conta:

[...] a idéia da reforma no hotel, lá por 90 foi por causa que iam permitir os jogos de novo no Brasil, isso foi muito comentado ... ele (o dono) queria explorar essa parte. Já pensou que movimento ia dar (pergunta) ... o hotel que há cem anos tinha sido casino abrir para jogos de novo? ... ia ser movimento sempre, era isso que ele queria ... sabe, tinha jogos em umas

---

<sup>5</sup> Idem <sup>3</sup>.

<sup>6</sup> Sr. João Carlos Gonçalves, ex-recepcionista do hotel em entrevista no dia 08 de setembro de 2007.

idades do estado, em São Lourenço, na serra, mas o Atlântico ia ser o melhor, o mais tradicional.

O Sr. João Carlos conta que os hóspedes mais antigos demonstravam carinho pelo hotel. Por isso havia a fidelização na hospedagem. Minha experiência profissional neste local permite a afirmação de que este fenômeno ocorre até os dias atuais. Hóspedes com idade mais avançada regressam todos os anos, são fiéis ao estabelecimento hoteleiro e saudosos ao conversarem sobre seu passado. Sobre jogos, brincadeiras e festas contam que aconteciam em clima familiar, sem violência.

Os jogos que exigiam espaço físico maior como corridas de cavalo, atletismo e outros, estes eram realizados na relva da *Cancha*. Este local, segundo Pereira (2004), era cercado e arborizado. Contava com a presença dos hóspedes que desejassem apreciar as competições e localizava-se aos fundos do hotel. Hoje este terreno pertence à Prefeitura Municipal do Rio Grande e o evento que faz referência e realiza-se no local é a Feira do Livro. Sobre este terreno o Sr. Edson Costa<sup>7</sup> recorda:

Sabe aquele terreno atrás do hotel? Pois é, também era tudo do hotel. Lá que se faziam os jogos, as corridas para as moças assistirem, era tipo quadras de esporte, tinha também bocha e jogo do osso que falavam. Era tipo que um lugar para recreação dos hóspedes além da praia e do casino que o hotel oferecia ... naquele terreno, tu é nova pra saber, mas era a SAC, o clube do Cassino, acho que em 63. Ninguém sabe esta história, mas assim, o terreno era do hotel.

## 2.2 Festas

O divertimento no balneário não se limitava aos jogos do hotel. Eram comuns os passeios na praia, as serenatas, os concertos musicais, os bailes. Segundo pesquisa de Barcellos (2000), os rapazes faziam a serenata enquanto as moças ficavam espiando por detrás da veneziana. No avarandado eram ofertadas aos rapazes garrafas de vinho do Porto, bombons, passas de pêssego e outras comidas finas. Depois de comer, cantavam uma música de agradecimento e iam embora.

Sobre as festas, em depoimentos de Pereira (2004), tem-se que moças dançavam com seus namorados sob supervisão de senhoras e estas permaneciam

---

<sup>7</sup> Sr. Edson Costa, ex-gerente do hotel em entrevista no dia 18 de agosto de 2007.



sentadas ao redor do salão durante o baile. Todos os dias de verão havia orquestras e espetáculos, algumas das orquestras vinham do Rio de Janeiro para apresentar-se na temporada. A figura a seguir destaca o salão de festas do hotel.



Figura nº. 04 – Interior do Salão de festas do hotel.  
Fonte: Museu Histórico da cidade do Rio Grande. Postal – 1908.

Em seu trabalho, a pesquisadora Célia Pereira coloca que após as festas, aconteciam as serenatas. Conforme depoimentos, costumeiramente às 23h30 a orquestra tocava a música *Amanhã se Deus quiser*<sup>8</sup>, e a partir disso as pessoas tinham meia hora para se deslocarem até suas casas ou quartos. À Meia noite as luzes se apagavam e as serenatas começavam. O policiamento local chegou a proibir este procedimento, alegando a perturbação de outras pessoas, mas o costume persistiu.

Em grandes festas como carnaval e Ano Novo o salão de festas subdividia-se em sala de baile, jantar e jogos. Não há relatos formais, mas de acordo com Pereira (2004), a copa, dispensa e sala de refeições de terceira classe localizava-se em anexo, ao fundo do salão. A passagem para os quartos era feita por um passadiço coberto por telhas de zinco sobre colunas de ferro.

Em entrevista, o Sr. Renato Albuquerque<sup>9</sup>, ex-proprietário do hotel entre os anos de 1975 e 1980, hoje secretário especial do Cassino, coloca que dando

---

<sup>8</sup> Canção de Noel Rosa, início do século XX.

<sup>9</sup> Sr. Renato Albuquerque, ex-proprietário do hotel em entrevista no dia 08 de abril de 2008.

seqüência ao que acontecia no início do século, as festas eram tradicionais no hotel, com música ao vivo e “boa mesa”, nos anos setenta.

### 2.3 Banhos

Dentre os atrativos que justificaram a importância da inauguração do balneário destacam-se os banhos de água salgada. Este fora objetivo de grande parte dos primeiros hóspedes do hotel.

Briz (1990, p. 4) salienta que em toda a Europa, no final do século XIX surgiram novas estações de banhos e que estabelecimentos hoteleiros inseridos nestas eram chamados de estâncias de cura.

Ao fazer referência sobre banhos, Torres (2007) cita o Regulamento Geral da estação Balnear Vila Sequeira. Este documento do ano de 1891 determina normas que deveriam ser respeitadas pelos clientes no interior do hotel e na beira da praia. Sobre os banhos de mar o Sr. Edson Costa<sup>10</sup> coloca:

[...] o banho fazia sucesso e todo mundo fala que era depois de março quando tinha bastante iodo na água, por isso o movimento ia até chegar o frio. Não eram todos que iam na água, mais as mulheres. Diziam que tinha gente especial do hotel para cuidar das crianças enquanto as mães iam para o banho e também de noite para os adultos jogarem, tudo do hotel mesmo.

Os banhos de mar terapêuticos estão presentes na memória dos antigos veranistas, conforme nos conta o Sr. João Carlos dos Santos Gonçalves<sup>11</sup>, ex - recepcionista do hotel:

[...] como os hóspedes a maioria eram velhinhos, eles ficaram bem meus amigos sabe, ligavam até para a minha casa ... eles contavam quando dava tempo na recepção, dos banhos que era diversão mas eram medicinais também ... os pais e tios e padrinhos levavam para o hotel para tomar banho de mar ... acho que com a poluição, por causa disso ninguém mais falou muito que banho de mar fazia bem [...]

As normas e costumes naquela época eram comuns ao hotel e ao balneário. Torres (2007) cita que tanto nas dependências do hotel quanto na praia o uso de calções e de camisetas era regra para homens e que homens e mulheres deveriam posicionar-se em lados opostos. Dentre eles se localizava as famílias. Paraphraseando o Regulamento Geral da estação Balnear Vila Sequeira, tal procedimento “garantia a decência e os bons costumes”. Segundo este autor, na

---

<sup>10</sup> Sr. Edson Costa, ex-gerente do hotel em entrevista no dia 18 de agosto de 2007.

<sup>11</sup> Sr. João Carlos Gonçalves, ex-recepcionista do hotel em entrevista no dia 08 de setembro de 2007.

praia o salva-vidas das mulheres era do gênero feminino. O Sr. Edson também nos coloca em entrevista sobre a relação direta dos serviços prestados pelo hotel para garantir conforto aos veranistas à beira mar:

Tinha uma barraca de palha mais ou menos ali onde é o barracão hoje, sabe, ali se guardavam no verão os objetos que os banhistas usavam na praia, tudo com nome identificando com placas de madeira. Era dividido em box, um para cada família, para eles ter tudo o que precisavam toda a temporada. Daí vinha a carruagem do hotel e trazia as pessoas só. Alguém ia até o barracão antes, um funcionário do hotel mesmo, pegava tudo daquela família e levava para a praia. Colocavam na praia mesmo a placa com o nome da família ... quem fazia tudo isso era os coxeiros do hotel, já sabiam tudo até o lugar que eles gostavam de ficar. A entrada dos coxeiros com as carruagens era ali onde é a recepção do hotel hoje.

O Regulamento Geral da estação Balnear citado por Torres (2007) coloca que o hotel disponibilizava inclusive homens habilitados e equipados para atenderem a casos de afogamento. Outra informação é que na praia havia pessoal fiscalizando o cumprimento das regras.

Segundo Pereira (2004), em 1941 o Departamento Estadual de Saúde começou a fazer exigências regulamentares para hotéis de veraneio. Estas exigências fizeram com que fosse inviável a adequação do Casino Hotel conforme as normas e este fechou suas portas alguns anos após.

De agosto de 1941 à dezembro de 1943 as forças militares do exército ocuparam as dependências do hotel por causa da entrada do Brasil na Segunda Guerra. Segundo Pereira (2004), o uso do Casino Hotel pelo exército foi o que ocasionou sua quase total destruição. Tanto que, com a retirada dos soldados, a Companhia responsável pelo hotel não pôde efetuar a reparação necessária, solicitando à prefeitura municipal ajuda com a mão-de-obra. Há divergência de datas para expressar quando fecharam a frente e os fundos do hotel.

Esta autora ainda coloca que a utilização do espaço entre os quartos e os salões do hotel aconteceu décadas após a guerra. Alguns depoimentos estudados citam que isso ocorreu durante a guerra, fazendo com que o local se transformasse em uma espécie de forte.

O uso público das dependências do hotel – tanto do prédio quanto do terreno aos fundos, antes utilizado para competições e jogos - durante e após a

segunda guerra mostra seu valor ao coletivo com diferentes finalidades. Sobre este aspecto o Sr. Edson Costa<sup>12</sup> relata:

O exercito usou o hotel em 1942 e 1943 por causa da guerra, para proteger aqui o lugar. Era tudo aberto, daí fecharam para ficar tipo de uma proteção, coisa assim. Fecharam na frente e atrás ..., mas com a guerra eles destruíram, os soldados que ficaram lá, acabou com tudo. Roubaram tudo, os móveis, as louças, roupas, daí fizeram os muros. Daí ficou meio que sem dono, por que tinha o muro, então não era mais a continuação do hotel o terreno. Daí construíram a SAC, um galpãozinho de madeira ... em 88 quando eu cheguei, tu não acredita mas a prefeitura queria abrir a rua de novo, a que passava no meio do hotel, sabe, queria demolir as paredes e abrir a rua para os carros como era antes, sabe. Daí o grupo fez a permuta e deu o terreno em troca de não abrirem a rua. Por isso que tem a feira do livro lá, agora é da prefeitura, mas antes era do hotel ... isso ninguém sabe.

A representação histórica da estrutura predial do hotel durante a guerra é fator que eleva o local em sua importância histórica. Este ponto pode ser considerado uma justificativa para a elaboração deste trabalho. Neste referido período, o hotel deixa de ser ícone de lazer, mas passa a valer por sua capacidade em acomodar grande número de pessoas e por assumir papel de defesa nacional na guerra.

A utilização da quadra de competições do hotel (terreno localizado ao fundo) para sediar a primeira sede da Sociedade Amigos do Cassino (SAC) agrega a importância do hotel para o coletivo do balneário. O histórico do primeiro clube do balneário é atrelado assim ao histórico do hotel.

---

<sup>12</sup> Sr. Edson Costa, ex-gerente do hotel em entrevista no dia 18 de agosto de 2007.

## UM PROJETO DE TURISMO CULTURAL: O CASINO HOTEL

Sempre foi ponto de encontro para as pessoas se encontrarem no Cassino, para conversar, tomar mate, era um povo em toda a frente, era restaurante, lugar onde a gente se encontrava para rir, fazia bailes, festas, era um centro histórico, um local de encontro, de cultura (Sr. Domingos Caovilla<sup>13</sup>, 09/07/2007).

Como pôde ser verificado nos capítulos anteriores, o Casino Hotel, por sua história junto ao balneário, sua funcionalidade como local de lazer, sua opulência, destruição e ressurgimento no passado, dentre outros aspectos, pode ser caracterizado como local de memória.

O conceito de memória coletiva encontrado em Barretto (2006:44) é justamente a memória social, exterior ao indivíduo, estendida no tempo, que guarda eventos acontecidos há muito. A memória coletiva é o motor fundamental para desencadear o processo de identificação do cidadão com sua história e sua cultura. O presente capítulo propõe o turismo cultural no Casino Hotel, atual Hotel Atlântico, Balneário Cassino.

O turismo Cultural, já conceituado no primeiro capítulo como ferramenta no processo de preservação do patrimônio cultural visa neste estudo de caso esclarecer ao hóspede e/ou turista a importância histórica do local onde este se encontra para que haja maior valorização do material – estrutura predial e imaterial – antecedente histórico no qual o hotel está inserido.

Atualmente o hotel é caracterizado como local de lazer, principalmente através da alta demanda de veranistas do interior do estado e estrangeiros, principalmente. O prédio encontra-se inventariado pelo patrimônio cultural do Rio Grande do Sul, segundo documento em anexo.

Na presente proposta, além do aproveitamento do tempo livre para executar atividades exclusivamente de lazer, comum a ... e veraneio (bar, esportes, jogos, piscina) o visitante poderia também conhecer toda a história do local, desde o surgimento, junto ao balneário. Pode ser feita a contextualização

---

<sup>13</sup> Sr. Domingos Caovilla, ex-gerente do hotel em entrevista no dia 09 de julho de 2007.

historica com estações de banho e cassinos, hotelaria de alto luxo e hotéis de ferrovia em vários locais do mundo no século XIX, até sua destruição durante a segunda guerra e reconstrução no final do século XX.

Uma forma de inserir para o visitante de forma acessível o histórico do hotel através dos tempos seria a simples anexação de informações históricas em molduras nas áreas sociais do hotel. Estas informações devem ser transcritas de forma clara, com datação e algum atrativo visual em material de qualidade para fins de durabilidade.

A exposição de antigas fotografias do local, aproveitando o espaço físico que compreende o hotel, com a devida explicação e datação em anexo é mais uma forma de transformar o turismo em turismo cultural. A questão do material deve ser tratada de importância fundamental, pois se trata de imagens documentais, verídicas, por isso de melhor resolução possível para facilitar a compreensão de quem apreciará.



Figura n°. 05 – Exterior dos quartos do hotel em frente a Rua da República. Ao fundo a passarela de acesso aos salões de refeições e festas.

Fonte: Museu Histórico da cidade do Rio Grande. Postal – 1908.

Sobre qualidade, o mesmo vale para litografias, pinturas ou desenhos utilizados com esta finalidade. Exemplo de material fotográfico que pode ser exposto está na figura acima, que mostra o hotel visto pelo seu interior, quando não

havia sido fechada sua frente e fundos e passava uma avenida em seu interior. Observa-se inclusive ao fundo uma passarela ligando os quartos aos salões.

O hotel possui em seu almoxarifado atualmente uma série de objetos antigos utilizados na hotelaria, como aparelhos de telefonia para comunicar ramais, as chamadas centrais telefônicas, antigas calculadoras fiscais, dentre outros. Estes podem não se tratar da mesma época do Casino Hotel, mas a continuidade da história do hotel e da hotelaria estão presentes nestes objetos.

Para a exposição destes, por se tratar de objetos realmente antigos, deve ser feito estudo de condições ambientais e adequação das mesmas para execução da ação. Da mesma forma que os itens anteriores, *displays* explicativos com épocas de fabricação e uso e respectiva função devem estar presentes no local de exposição.

A confecção e/ou aquisição de objetos que foram ícones de gerações no hotel e suas atividades pode ser também algo que se destacaria para informação. Exemplos desta idéia são objetos como uma roteta do início do século XX, uma réplica das barracas (ilustração em Figura 02, p. 12), réplica de carruagem utilizada para transitar do hotel aos *chalets* do balneário, e objetos utilizados por banhistas na beira praia, como vestimentas masculino e femininas.

Os têxteis de gala podem ser reservados em local a parte, de senhores, senhoras e empregados do hotel. Neste caso, o mesmo vale sobre o estudo da melhor forma de expor o material - em caso deste ser original.

Para finalizar esta linha de turismo cultural onde o material e as informações são “expostos”, cita-se como forma de fomento a esta modalidade de turismo a folheteria, e/ou mesmo um material impresso concentrador destas informações históricas que fosse acessível aos hóspedes e visitantes do local. Sobre a carência deste tipo de material no hotel, um dos entrevistados coloca:

Os turistas sempre questionam sobre a população, bares, restaurantes, comércio. Mas neste caso a parte histórica era muito importante, e perguntavam bastante. Para as pessoas que viajam sempre tem o turismo histórico no meio, havia sempre muitas perguntas assim: aqui era o hotel que era casino, da roleta, e coisas assim. Mas infelizmente eu não tinha o dossiê para oferecer para eles lerem, coisa assim, tinha carência de informação da história do hotel, tinha história da cidade, mas não do hotel. Era importante que houvesse dentro do hotel um material mesmo em tópicos, que esclarecesse as dúvidas (Sr. Domingos Caovilla em 09/07/2007).

Como a mais diferenciada e bem sucedida forma de propagar a história e cultura local através do turismo cultural está o que Barretto (2006:39) chama de *site museums* e museus ao ar livre. Este modelo de visitação turística coloca o visitante em contato direto com a natureza, o meio natural de onde se encontra, além de poder conhecer e tocar em objetos históricos, além de apenas conhecer suas fun es.

A execu o desta modalidade seria algo ímpar no balneário, na cidade e no estado, a julgar pelo histórico do Casino Hotel. Com carruagens, vestimentas e caracterizados como senhores e senhoras, cocheiro, empregados do hotel, banhistas e/ou jogadores, as personagens encenariam como era o cotidiano do hotel interagindo com os visitantes. Esta seria uma forma inédita de turismo cultural onde o visitante lembraria sempre o que encontrou e o que sentiu no local.

A recupera o da memória leva ao conhecimento do patrimônio e   sua valoriza o por parte dos próprios habitantes do local. Portanto, não apenas as pessoas de outras cidades e hóspedes devem conhecer a história, mas também quaisquer interessados, como grupos escolares locais e de outras cidades, grupos de terceira idade, dentre outros. Porém, fundamentalmente devem participar do projeto os nativos, moradores do balneário Cassino, pois serão eles que poderão melhor defender a preserva o do hotel.

## **CONSIDERA OES FINAIS**



Este trabalho objetivou a reflexão sobre a importância histórica do Casino Hotel para a memória local e assim promover formas de turismo cultural no local como método de preservação deste patrimônio.

Após as reflexões sobre o patrimônio histórico e o turismo cultural, pode-se afirmar que através do conhecimento é possível reverter o comportamento degradante com relação ao patrimônio, exaltando maior comprometimento social para com ele. O conhecimento nos revela a coletividade que somos colocando o pensamento ético e moral como prioridade.

Segundo Morin (2005) a educação deve ser centrada na condição humana. O conhecer é o situar-se no universo. Ao mesmo tempo, somos coletividade e devemos compreender a memória dos povos, pois não se trata mais apenas de 'o outro', mas de 'nós'. Acredita-se que através do conhecimento do Casino Hotel poderá ser gerida a consciência moral e ética de sua preservação.

Um local de turismo deve propagar os atrativos, a história e memória do local, fazendo com que o turismo se torne algo menos frívolo e mais cultural. O turismo pode representar um pretexto para a educação, para o conhecimento. O hotel representa um espaço para lazer, um local de turismo.

Um espaço de turismo pode ser um local para educação, principalmente se referimo-nos sobre o chamado turismo cultural. Este trabalho demonstrou que o patrimônio cultural pode ser preservado mesmo com a presença de demandas turísticas através da educação, do conhecimento.

O turista deve ter acesso ao conhecimento sobre o local onde está, o que determinado local já foi, sua memória, para que possa conferir significado ao lugar.

Todas as reflexões acima estão inseridas em um contexto maior, onde para promover o turismo é necessária a harmonia entre a cultura local, o ambiente, a população autóctone, os turistas, política privada e políticas públicas. Estas relações demonstram o quão complexo pode ser o planejamento do turismo, provando que este deve ser gerido por profissionais qualificados na área.

Para finalizar, salienta-se que a realidade da cidade de Rio Grande e Balneário Cassino hoje é o significativo crescimento demográfico. As pessoas que estão vindo para fixar residência com suas famílias, por razões profissionais, tanto na cidade quanto na praia, são originárias de diferentes cidades do Brasil.

O projeto de turismo cultural no Casino Hotel contribuiria para que a história da cidade fosse expressa de forma original, inserindo também estes novos moradores ao universo histórico desse local.

## Referências

- ALVES, Francisco das Neves **Visões do Rio Grande**: a cidade sob o prisma europeu do século XIX. Rio Grande, FURG, 1995.
- BARCELLOS, João **Cassino História e Ambientes**: A educação e a sua preservação. Revista Mestrado em Educação Ambiental. Fundação Universidade do Rio Grande, 2000.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas: Editora Papyrus, 1995;
- \_\_\_\_\_. **Turismo e Legado Cultural** Campinas: Editora Papyrus, 2006;
- BEDIM, Bruno Pereira Relatos visitados: **História oral e pesquisa em turismo e hospitalidade**. Considerações teórico-metodológicas. Caderno Virtual de Turismo, Volume 07, nº 1. Artigo disponível em <[www.ivt-rj.net](http://www.ivt-rj.net)>. Acesso em 11/07/2007.
- BRIZ, Maria da Graça Gonzalez **A arquitectura de veraneio – os Estoris 1880 / 1930** Tese de mestrado em História da arte. U.N.L./F.C.S.H. Lisboa, 1990.
- CHAGAS, Mário **Cultura, Patrimônio e Memória**. Porto Alegre: Revista Ciências & Letras, 2002.
- CUISINE. In: RAMOS, F. J. Silva **Dicionário de Francês – Português**. São Paulo. LEP, 1961.
- CURY, Isabelle (org.) **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.
- FIGUEIREDO, Antônio Marcus Lima. **A Função Turística do Patrimônio**: questionamentos sobre a idéia de sustentabilidade do turismo cultural. Universidade Estadual de Santa Cruz-BA. Artigo disponível em <[www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)>. Acesso em 06/04/2006.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 1991;
- HOTEL. In: FERNANDES, Fernando **Dicionário Brasileiro** Globo São Paulo: Globo, 1991.
- LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico?** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MORIN, Edgar **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.

NOIA, Angye Cássia **História, identidade local e turismo**: Reflexões sobre a cidade de Ilhéus – BA a partir da segunda metade do século XIX Caderno Virtual de Turismo, Volume 07, nº 1. Artigo disponível em: <[www.ivt-rj.net](http://www.ivt-rj.net)>. Acesso em 26/05/2008.

PEREIRA, Célia Maria **Memórias de um Balneário**: Patrimônio edificado do Cassino. Rio Grande. SALISGRAF, 2004.

PREFEITURA Municipal do Rio Grande. Disponível em:  
<<http://www.riogrande.rs.gov.br/>>

REJOWSKI, Mirian **Desenvolvimento do turismo moderno** in REJOWSKI, Mirian (org.) Turismo no percurso do tempo. São Paulo. Aleph, 2002.

SALLE A MANGER. In: RAMOS, F. J. Silva **Dicionário de Francês – Português**. São Paulo. LEP, 1961.

SANTOS, Jany Eliete Rabelo dos **Atlântico Hotel: preservação e modernização, desafios para sua sobrevivência** Disponível em  
<<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php>>. Acesso em: 25 mai. 2008.

TORRES, Luiz Henrique **Câmara Municipal do Rio Grande: Berço do parlamento gaúcho Rio Grande**. Salisgraf, 2001.

TORRES, Luiz Henrique **História & Educação Patrimonial da cidade do Rio Grande** Fundação Universidade do Rio Grande, 1999.

TORRES, Luiz Henrique **Jornal Agora**, Rio Grande, 20 de mar. de 2007. O Hotel Cassino O Peixeiro. Cassino RS.

YASOSHIMA, José Roberto **Antecedentes das viagens e do turismo** In: REJOWSKI, Mirian (org.) Turismo no percurso do tempo. São Paulo. Aleph, 2002.

## **Anexos**

**ANEXOS I DOC**

**ANEXO II IPHAE**

**ANEXO III ROTEIRO ENTREVISTAS**